


# A pandemia de covid-19 e as fake news: uma revisão da literatura


## The COVID-19 pandemic and the fake news: a literature review

**Tiago Rosa<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-6576-7614>


E-mail: tiago.nogueira@saude.gov.br

**Maria Célia Delduque<sup>b</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-5351-3534>

E-mail: mcdelduque@gmail.com

**Sandra Mara Campos Alves<sup>c</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-6171-4558>

E-mail: sandra.alves@fiocruz.br

<sup>a</sup> Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Brasília-DF Brasil

<sup>b</sup> Universidade de Brasília. Departamento de Saúde Coletiva. Brasília, DF, Brasil.

<sup>c</sup> Fundação Oswaldo Cruz. Programa de Direito Sanitário. Brasília, DF, Brasil.

### Resumo

Este artigo apresenta os resultados da revisão narrativa sobre as fake news ocorridas durante o período mais crítico da pandemia de covid-19. Foi realizada uma busca por palavras nas bases de dados da BVSMS, BVSsalud e Scielo, utilizando-se a expressão fake news AND covid-19, notícia falsa AND covid-19 e desinformación AND Covid-19, por ser expressões que atendiam aos dois idiomas selecionados para a revisão: português e espanhol. O critério de inclusão privilegiou os artigos que utilizaram a web como fonte das pesquisas, publicados entre 2020 e 2022. Foram analisados 24 artigos, sendo 14 escritos em língua portuguesa e 10 em espanhol. O ano de 2022 concentrou o maior número de publicações (n=11), e concluiu-se que as redes sociais são os veículos de maior disseminação desse tipo de desinformação. A disseminação das fake news durante o segundo ano da pandemia de covid-19 foi tão preocupante quanto a própria doença, mas a literatura ainda não explorou suficiente o fenômeno que ainda acompanha a pandemia ainda não finalizada. A maioria dos textos analisados aconselham a utilização da estratégia disseminadora de notícias para divulgar informações úteis sobre saúde, concluindo-se que os estudos analisados demonstraram que as notícias falsas estavam incompletas ou enganosas, mas a maioria foi não intencional.

**Palavras-chave:** Pandemia; Desinformação; Covid-19; Informação e Comunicação em Saúde.

### Correspondência

Maria Célia Delduque

Faculdade de Ciências da Saúde, Departamento de Saúde Coletiva  
Campus Darcy Ribeiro, s/n Brasília, DF, Brasil. CEP 70910-900.

## Abstract

This article presents the results of the narrative review on fake news that occurred during the most critical period of the COVID-19 pandemic. A word search was carried out in the BVSMS, BVSalud, and Scielo databases, using the expression fake news AND COVID-19, notícia falsa AND COVID-19, and desinformación AND COVID-19, since these expressions addressed the two languages selected for the review: Portuguese and Spanish. The inclusion criterion favored articles that used the web as a source of research, published between 2020 and 2022. A total of 24 articles were analyzed, 14 written in Portuguese and 10 in Spanish. The year 2022 concentrated the largest number of publications (n=11), and we concluded that social networks are the vehicles for the greatest dissemination of this type of information. The spread of fake news during the second year of the COVID-19 pandemic was as worrying as the disease itself, but the literature has not explored sufficiently the phenomenon that still follows the pandemic still underway. Most of the analyzed texts advised to the use of the news dissemination strategy to disseminate useful information about health, concluding that the analyzed studies demonstrated that the false news were incomplete or misleading, but most were unintentional.

**Keywords:** Pandemic. Disinformation.COVID-19. Health Communication.

## Introdução

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o surto de coronavírus uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), considerado pelo Regulamento Sanitário Internacional (RSI) o mais alto nível de alerta. Em 11 de março de 2020, a propagação da covid-19 era reconhecida pela OMS como uma pandemia (WHO, 2020; WHO, 2023a). No mesmo período e, em função da alta circulação de informações jornalísticas e não jornalísticas na internet, cunhou-se a expressão “infodemia” para considerar “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (WHO, 2023b).

A infodemia difere das denominadas fake news porque, na primeira, as informações são provenientes de fontes variadas, confiáveis ou não, ao passo que as fake news caracterizam-se como “artigos de notícias que são intencionalmente e comprovadamente falsas e podem enganar os leitores” (Ross et al., 2021).

Longe de ser uma novidade, a imprecisão de informações durante a disseminação incontrolável de um vírus causador de doenças faz parte de qualquer cenário pandêmico. A gripe espanhola, por exemplo, surgiu durante a Primeira Guerra Mundial e, devido ao cenário de conflito durante a propagação da doença, os países afetados ocultaram suas estatísticas sanitárias da comunidade internacional, dando ensejo à circulação incorreta de informações, favorecendo a disseminação da doença (Goulart, 2005). No Brasil, a reação à gripe espanhola foi acompanhada de desinformação e desconhecimento por parte da sociedade, especialmente alimentados pela imprensa, aumentando o medo da população: “A imprensa alarmava ainda mais o povo, informando que a gripe espanhola trazia um perigo bem maior e que o vírus era uma invenção dos alemães, como tática de guerra” (Goulart, 2005).

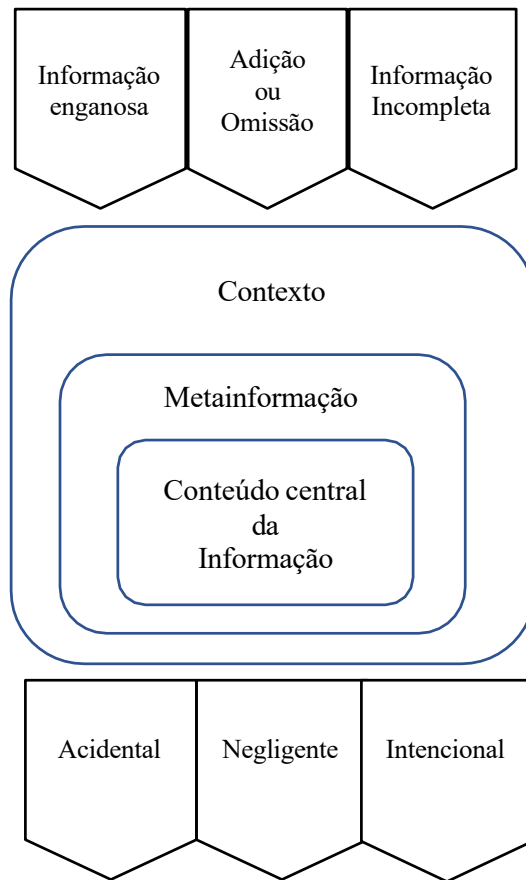
Quandt et al. (2019) sistematizaram as fake news (Figura 1), esclarecendo que se pode recorrer a uma diferenciação básica entre: (1) o conteúdo central das informações (incluindo informações textuais, imagens, elementos de áudio etc.); (2) as metainformações (manchetes/títulos, informações

do autor, *tags* e palavras-chave); e (3) aspectos contextuais (posicionamento, referências a outros artigos, enquadramento). Todos esses elementos podem estar sujeitos a níveis de falsidade, isso é, discrepâncias da factualidade que vão desde (1) enganosa (mas factualmente informação correta); a (2) adições ou exclusões de informações (o enriquecimento dos fatos por informações enganosas ou erradas, ou uma mudança de significado pela omissão ou excluindo informações relevantes);

para (3) fabricações completas sem qualquer base fática. Agrega-se à sistematização de Quandt et al. (2019) o conceito de que tais fenômenos podem ter origem na negligência do emissor da notícia, na intencionalidade ou por acidente.

O problema se torna ainda mais complexo porque a disseminação de notícias falsas acaba por deixar o emissor protegido pelo manto da invisibilidade e incógnita, além de proteger a identificação de replicadores da notícia, dificultando seu controle e correção.

**Figura 1 – Sistematização das fake news**



Fonte: Quandt et al. (2019)

Há também uma complicação adicional devido ao uso frequente do termo como um rótulo destinado a desacreditar notícias, desafiar os discursos da grande mídia ou de jornalistas independentes e os rotular como fake news, em especial daquilo que desagrada na notícia. O uso indiscriminado do termo pode servir como um meio retórico para lançar

dúvidas sobre uma determinada história, relato, notícia ou para abalar a confiança no sistema de comunicação como um todo (Jack, 2017).

Marwick e Lewis (2018) criticam o uso inflamatório do termo “notícias falsas” e observam que a alegação de fake news visa, principalmente, minar a confiança em informações desfavoráveis.

Mata, Grigoletto e Lousada (2020) afirmam que, em períodos graves, como os de pandemia, em vista da grande quantidade e rápido fluxo de informações, o problema alcança contornos mais complexos porque nem sempre as informações são precisas e há dificuldade em acessar fontes confiáveis. Ademais, em pleno século XXI, as notícias falsas contam com um aparato a seu favor, com enorme poder disseminador, transmitindo fake news em uma velocidade e alcance planetário: a internet.

Na *world wide web* há uma horizontalidade de vozes que democratizou a emissão de opiniões, mas que estimula a impregnação do senso comum, não raro sedimentando terrenos férteis para aventureiros e “especialistas leigos” de campos que não dominam formalmente, estando quase todos online (Mata; Grigoletto; Lousada; 2020). Não é preciso muito para encontrar “médicos de Google”, “cientistas políticos” e os informados exclusivamente por grandes mídias, fazendo das credenciais acadêmicas algo supérfluo no ambiente informacional da rede para se versar sobre quaisquer domínios específicos, contribuindo para o espraio de notícias falsas. De fato, os chamados especialistas ligados aos grandes conglomerados de comunicação passaram a ser questionados por novas fontes de informação, muitas vezes por experts que não são os de preferência das grandes empresas de comunicação, ainda que tenham credenciais para fazê-lo.

Moretzsohn (2017) atenta para a dualidade imediata do nivelamento de saberes encerrado pela ideia de horizontalidade na web, que pode sugerir uma evidente da comunicação – espaço onde todos têm voz – mas que faz com que vozes que não detêm um determinado saber se tornem uma ameaça, por isso a autora alerta:

Aparentemente democrática e inclusiva, a defesa nesse nivelamento de saberes acaba resultando no elogio da ignorância, com o resultado perverso de desqualificar, como autoritária, a voz dos que desenvolveram a capacidade de argumentar. Essa desqualificação conduz à perda de referências que poderiam contribuir para o esclarecimento público. Politicamente, o resultado disso costuma ser desastroso. (Moretzsohn, 2017, p. 302)

O fato é que a preocupação com as notícias falsas, em todos os segmentos da vida em sociedade, é de tal grandeza que, no Brasil, foi criada a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD), espaço virtual, concebido e mantido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e outras universidades, agências, redes de comunicação, grupos de pesquisa etc., que reúne, esclarecimentos sobre desinformações veiculadas na web, denunciando e combatem fake news.

Em vista do exposto é que foi realizada uma revisão narrativa no intuito de conhecer o estado da arte no tema das fake news em relação à pandemia de covid-19, na intenção de conhecer o que vem sendo pesquisado e publicado sobre a temática.

## Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo de revisão narrativa de literatura, apropriada para discutir o estado da arte de um determinado assunto. É constituída por uma análise da literatura, sem estabelecer uma metodologia rigorosa e replicável em nível de reprodução de dados e respostas quantitativas para questões específicas, como explicitam Vosgerau e Romanowski (2014). Esse tipo de estudo é fundamental para a atualização do conhecimento humano sobre uma temática específica, evidenciando novas ideias, métodos e subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (Elias et al., 2012).

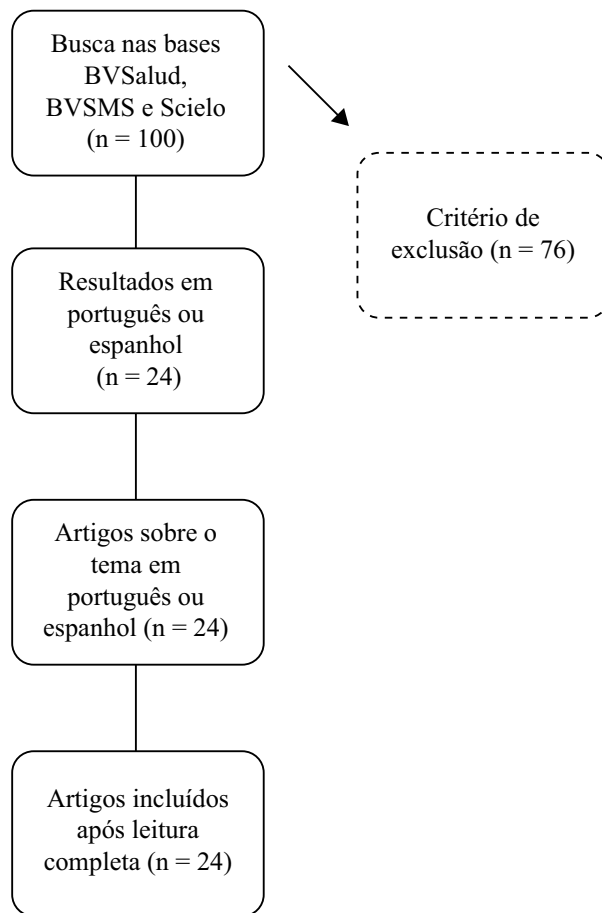
Por ser uma revisão de literatura sobre as fake news e a pandemia de covid-19, foram recuperados artigos originais nos idiomas português e espanhol, indexados nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVSMS), da Biblioteca Virtual em Saúde (BVSsalud) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os artigos foram selecionados entre setembro e dezembro de 2022, tendo como período de referência os três primeiros anos da pandemia.

Foram empregados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs): notícias falsas AND covid-19; desinformación AND covid-19; e *fake news* AND covid-19, por ser expressão que atende aos idiomas considerados na pesquisa. Os termos foram utilizados isoladamente e de forma combinada, delimitando o intervalo temporal estabelecido.

O critério utilizado para inclusão das publicações foi ter os termos de busca explícitos no resumo e que a metodologia tenha utilizado quaisquer canais da web para obtenção dos dados. Não foram considerados os artigos de revisão, os ensaios e

comunicações, assim como outros documentos que não o escolhido para a revisão. Os artigos foram selecionados, primeiramente, pelo resumo e após, leitura de seu inteiro teor, a fim de excluir os trabalhos fora do escopo desta revisão.

**Figura 2 – Fluxo do processo de seleção dos artigos sobre fake news e covid-19 entre 2020 e 2022**



Fonte: Elaboração própria.

## Resultados

Entre os estudos selecionados, observou-se a prevalência de publicações na língua portuguesa, com 16 artigos, e apenas 8 artigos em espanhol. Em

2022, foi publicado um maior número de artigos que os anos anteriores. O quadro 1 mostra as particularidades dos estudos selecionados sobre fake news e covid-19 nas bases de dados eleitas para a revisão.

**Quadro 1 – Estudos selecionados sobre fake news e covid-19 nas bases de dados**

TÍTULO	AUTORIA	PERIÓDICO	MÊS/ANO	TIPO DE ESTUDO	LOCAL DO ESTUDO
Comunicação em saúde sobre covid-19 e diabetes mellitus em mídias sociais: verdadeiro e falso.	Ribeiro et al.	Revista da Escola Anna Nery	Janeiro/2022	Pesquisa documental na web	Redes sociais na internet (Twitter)
Avaliação da qualidade da informação de sites sobre covid-19: uma alternativa de combate às fake news.	Pereira Neto et al.	Revista Saúde em Debate	Março/2022	Avaliação da qualidade de sites oficiais	Sites das SES de Mato Grosso
O primeiro Curso Aberto, On-line e Massivo (Mooc) sobre covid-19 e iniquidades no Brasil: potências da saúde coletiva no enfrentamento da infodemia e das fake news.	Oliveira; Gerhardt.	Saúde em Debate	Abril/2022	Estudo descritivo sobre ferramenta de ensino	Ferramentas da web (Rio Grande do Sul)
Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil.	Galhardi et al.	Ciência e Saúde Coletiva	Maió/2022	Estudo empírico quantitativo	Aplicativo Eu Fiscalizo (web)
Uso de Python para detecção de fake news sobre a covid-19: desafios e possibilidades.	Ferreira et al.	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde	Junho/2022	Pesquisa documental na web	Base de dados da Agência Lupa, de fact-checking
Influenciadores da desinformação nas pandemias de gripe espanhola e covid-19: um estudo documental	Figueiredo et al.	Revista Brasileira de Educação Médica	Julho/2022	Pesquisa documental qualitativa	Farsas.com e Boatos.org
Desinformación anticientífica sobre la covid-19 difundida en Twitter en Hispanoamérica.	García-Marín; Merino-Ortego.	Cuadernos Info	Março/2022	Pesquisa documental	#CoronaVirusFacts (Twitter)
Asustar para desestabilizar: Desinformación sobre la covid-19 en Argentina y España.	Tarullo; Gamir-Ríos.	Cuadernos Info	Março/2022	Pesquisa documental	Plataforma Chequeado, Argentina, y Newtral, España

continua...

## Quadro 1 – Continuação

TÍTULO	AUTORIA	PERIÓDICO	MÊS/ANO	TIPO DE ESTUDO	LOCAL DO ESTUDO
Análisis de los bulos sobre covid-19 desmentidos por Maldita y Colombia check: efectos de la infodemia sobre el comportamiento de la sociedad.	Herrero-Diz; Pérez-Escolar.	Palabra-clave	Março/2022	Estudo analítico documental	Plataformas Maldita.es e Colombiacheck.co
Tipología de los contenidos virales de desinformación durante los primeros meses de emergencia sanitaria por la covid-19 en el Perú.	Vegas.	Revista de Comunicación	Setembro/2022	Estudo exploratório descritivo	Plataformas de fact-checking La República, Convoca, Ojo Público, y Salud con Lupa
Infodemia en la Argentina preventivamente aislada. Un análisis de las fake news sobre la pandemia de la covid-19 desmentidas por Confiar.	Silva et al.	Revista Mexicana de Opinión Pública	Julho/2022	Análise de Conteúdo	Plataforma Confiar.es
Fake news e infodemia em tempos de covid-19 no Brasil: indicadores do ministério da saúde.	Ross et al.	Revista Mineira de Enfermagem	Setembro/2021	Exploratório descritivo	Saúde sem Fake News (Ministério da Saúde)
Infodemia: noticias falsas y tendencias de mortalidad por covid-19 en seis países de América Latina.	Nieves-Cuervo et al.	Revista Panamericana de Saúde Pública	Junho/2021	Estudo ecológico descritivo	Facebook
Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de covid-19 no Brasil.	Barcelos et al.	Revista Panamericana de Saúde Pública	Junho/2021	Estudo descritivo documental	Gi e Ministério da Saúde e Google Trends
Categorias das fake news sobre covid-19 disseminadas no primeiro ano da pandemia no Brasil.	Moreira et al.	Revista Mundo Saúde	Março/2021	Estudo exploratório descritivo	Plataforma Coronaverificado.news
Notícias falsas em tempos de pandemia pelo novo coronavírus: uma análise documental.	Alencar; Lima; Gouveia; Silva.	Revista Cuidarte	Agosto/2021	Pesquisa Documental	Portal Saúde sem FakeNews (Ministério da Saúde)

continua...

## Quadro 1 – Continuação

TÍTULO	AUTORIA	PERIÓDICO	MÊS/ANO	TIPO DE ESTUDO	LOCAL DO ESTUDO
Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda toma... vacina.	Arndt et al.	Revista de Psicologia Política	Maió/2021	Análise do discurso	Lupa, Aos Fatos, Fato ou Fake e Boatos.org
Fact checking durante la covid-19: análisis comparativo de la verificación de contenidos falsos en España e Italia.	Ascacibar, Malumbres, Zanni.	Revista de Comunicación	Março/2021	Estudo descritivo documental	Plataformas Maldita.es y Open.it
Fakenews e incremento desinformativo durante el estado de excepción 2020: caso el Merciooco, Ecuador.	Ramírez; Jumbo; Aguilar.	Revista de Ciencias Sociales y Humanidades	Setembro/2021	Análise de conteúdo	Fanpage El Merciooco (Facebook)
Covid-19: como a disseminação de fake news pode influenciar a população durante a pandemia/covid-19.	Salatino.	Revista Salusvita	Out/2020	Estudo prognóstico/Estudo de rastreamento	Portal do Ministério da Saúde
La divulgación de la información en la encrucijada de la crisis del covid-19 en Paraguay. Reacciones y transmisión de datos falsos y científicos a través de las redes sociales y los medios masivos.	Moreno-Fleitas.	Revista de la Sociedad Científica del Paraguay	Junho/2020	Estudo qualitativo documental	Portal do Ministerio de Tecnologías de la Información y la Comunicación del Paraguay
Credibilidad de la información en tiempos de la covid-19.	Fachin; Araujo; Sousa.	Revista Interamericana de Bibliotecología	Setembro/2020	Estudo exploratório-descriptivo	Plataforma Aofatos
Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da covid-19 no Brasil.	Galhardi.	Cadernos de Saúde Coletiva	Agosto/2020	Estudo de rastreamento	Aplicativo Eu Fiscalizo
Caracterização de fake news sobre a pandemia covid-19 no Brasil	Dourado et al.	Revista de Enfermagem da UFPI	Setembro/2020	Estudo descritivo	Efarsas e G1 fato ou fake



Nieves-Cuervo et al. (2021) consideraram que os países com menor índice de penetração na internet como fonte única de informação foram também os que obtiveram menores taxas de mortalidade, concluindo-se que a baixa inclusão digital, ao menos, no caso da disseminação de fake news sobre a covid-19, mostrou-se vantajosa. A situação descrita pelos autores nega, em certa medida, a sistematização de Quandt et al. (2019), porque não há a previsão da não informação, o que é distintivo da desinformação. A não informação acabou por salvarguardar as taxas de mortalidade por covid-19. Barcelos et al. (2021) identificaram que as fakes news no período pandêmico foram disseminadas principalmente pelo WhatsApp e Facebook, sendo que o Google Trends confirmou haver um aumento de 34,3% nas buscas que utilizavam o termo fake news. Nos estudos de Moreno-Fleitas (2020), as principais fontes de notícias sobre a pandemia de coronavírus, no Paraguai, suscitando informações falsas sobre a enfermidade foi o Facebook, confirmado o resultado obtido pelos estudos de García-Marín et al. (2022).

Analisando o fenômeno na Espanha e na Itália, Ascacíbar, Malumbres e Zanni (2021) consideraram que na Espanha, em 2021, houve um total de 365 casos no portal investigado, sendo que consideraram os alertas falsos em 14% delas e informações equivocadas com 34% e 43% como manipulações mentirosas e 9% outros. Na Itália, os autores identificaram 225 casos, no portal selecionado, sendo que 9% categorizaram como alarmes falsos, 37% informações equivocadas e 51% como manipulações mentirosas e 3% na categoria outros.

As redes sociais e seus algoritmos priorizam o engajamento de algumas pessoas, o que pode facilitar a propagação de fake news, uma vez que essas informações geram reações emocionais e compartilhamentos. Quandt et al. (2019), ao sistematizar o nível de falsidade em seus estudos, credenciam a intencionalidade da divulgação da informação enganosa como o ápice da divulgação de mentiras, sendo que o estudo de 2021, na Espanha e Itália, de Ascacíbar, Malumbres, Zanni (2021) deixou evidente que este cume foi atingido. Ademais, a falta de literacia midiática, com baixa habilidade para avaliar criticamente informações e fontes, causa disseminação de fakenews.

Ribeiro et al. (2022), com base nos canais de veiculação midiática, buscaram notícias sobre o diabetes mellitus e sua relação com a covid-19, evidenciando uma preocupação com as notícias, se baseadas em evidências científicas ou não. Constataram, após o levantamento no Twitter, que 80% das notícias veiculadas eram falsas e sem fontes de consulta, com destaque para a indicação de alimentos que poderiam evitar a contaminação pelo vírus, tais como: chá de limão com bicarbonato, receitas com óleo de coco, o óleo do canabidiol etc. Salientam na conclusão que é preciso oportunizar a transposição da “linguagem das ciências” para a comunidade, como forma de bem realizar a comunicação em saúde.

Pereira Neto et al. (2022) defendem que informações de saúde on-line baseadas em evidências podem reduzir o uso de serviços de saúde com impacto nas práticas de autocuidado, autogestão e adesão ao tratamento, no entanto, na pesquisa empreendida em quatro sites oficiais do governo de Mato Grosso, relatam que as informações na área da saúde apresentaram baixa qualidade e que estavam ausentes dados imprescindíveis sobre a covid-19, como o uso da máscara, lavagem das mãos e uso de álcool gel. Concluem que, a par do combate às fake news, os sites governamentais do estado estudado estão deficientes e não atendem aos critérios mínimos de qualidade, apresentando informações incorretas, desatualizadas, incompletas e ilegíveis sobre o tema da saúde em geral e da covid-19, em particular. Na sistematização de Quandt (2019), a desinformação divulgada sem intencionalidade não se constitui o grau mais grave das fake news, embora concordemos que qualquer desinformação - no caso, omissão de informação - leve a prejuízos aos pacientes.

Oliveira e Gerhardt (2022) dissertam sobre o estudo descritivo sobre a utilização dos Cursos On-line Abertos e Massivos-Mooc (Massive Open Online Courses) da OMS e que, no Brasil, foi ofertado pela plataforma Lumina da da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como estratégia potente para a comunicação, a difusão científica e o enfrentamento da infodemia e as fake news sobre a covid-19. Esses esforços ressaltaram a importância da educação em literacia midiática para reduzir a propagação de notícias falsas.

Galhardi et al. (2022), por seu estudo empírico quantitativo, trabalharam com uma amostra de 253 checagens sobre vacina e covid-19, utilizando o aplicativo Eu Fiscalizo. O estudo apontou como resultados que a vacina Coronavac, produzida pelo Instituto Butantã em parceria com a empresa Sinovac, foi o imunizante que mais teve notícias falsas sobre efeitos adversos, dando ensejo que em pelo menos 70% dos municípios brasileiros foram registrados casos de pessoas que queriam escolher a marca das vacinas, recusando a Coronavac. A conclusão do estudo se confirma na afirmativa de Cinelli et al. (2020) que, examinando o papel das plataformas de mídia social, concluiu que a desinformação se espalha mais rapidamente e é mais resistente à correção do que as informações.

Ferreira et al. (2022), trazem dados importantes como o Relatório Digital 2021 (Global Overview Report), que confirmou que 75% da população brasileira usa a internet, correspondendo a 158 milhões de brasileiros conectados à rede em 2019, com tempo médio de conexão de 9 horas por dia. A partir das análises de agência de fact-checking, os autores concluem que as fake news sobre a covid-19 não são apenas um problema do campo da comunicação ou da saúde pública e coletiva: elas engendram aspectos que envolvem a automação, o uso de algoritmos, de social bots, mas têm como pano de fundo aspectos relativos ao crescimento das redes digitais e da hiperpolítica. Sugerem que são necessárias políticas públicas adequadas para o enfrentamento desse fenômeno e que possa se utilizar também da inteligência artificial e a automação - as mesmas "armas", afirmam - como estratégias de disseminação.

Figueiredo et al. (2022), após analisarem 107 ocorrências, listaram notícias falsas atribuídas aos serviços de checagem de fatos, tais como Fato ou Fake; Farsas.com e Boatos.org, e nos portais da OMS e do Ministério da Saúde. Do universo pesquisado, encontraram 41 notícias, todas indicando medicamentos não comprovados. Destacam que os influenciadores da desinformação têm se apresentado como uma associação entre agentes e plataformas. Os agentes têm sido governos, políticos, empresas, jornalistas, youtubers, blogueiros, social bots, grupos

religiosos conservadores, artistas, cientistas e até mesmo trabalhadores da saúde. As plataformas distribuidoras de desinformação têm sido a Amazon, a Apple, o Google, o Facebook, os blogs, o Pinterest, o YouTube, o WhatsApp, o Twitter, o Instagram e o Telegram, além dos veículos convencionais como televisão, rádio e parte da imprensa.

Tomando as lições de Quandt et al. (2019), fica demonstrado, com esta revisão, que a metainformação, bem como o conteúdo central das mensagens observadas, foram divulgadas de modo incompleto e até enganoso, mas não ficou demonstrada a intencionalidade da propagação das notícias falsas, levando-se a crer que o fenômeno aponta mais para uma postura negligente dos disseminadores das notícias, por não haver mecanismos de checagem imediata das afirmações publicadas. Na União Europeia, ao revés, houve o destaque de Ascacibar, Malumbres e Zanni (2021), que identificaram a divulgação, na Espanha e Itália, de mentiras e notícias notadamente maliciosas sobre a covid-19.

## Considerações finais

A amostra utilizada neste estudo não é representativa de toda a produção intelectual, uma vez que a maior parte dos trabalhos são redigidos em inglês, idioma não contemplado na metodologia. Ademais, uma revisão não traz a exata dimensão de um problema, especialmente sendo de recente ocorrência, sendo necessários estudos longitudinais para confirmar as relações temporais e causais do fenômeno.

Há pouca divulgação sobre o tema das fake news e a covid-19 no meio acadêmico e científico, embora tenha sido um tema explorado intensamente nas redes sociais e na grande mídia. Assim, era de se esperar que houvesse mais estudos acadêmicos na temática. Das conclusões dos trabalhos selecionados para a revisão, foi unânime a preocupação com o fenômeno que impactou e ainda vem impactando o setor das políticas de saúde, embora muitos dos trabalhos reconheçam e recomendem um esforço de utilização dos meios virtuais de comunicação como novas formas de contato entre o setor da saúde e a população. Ilustrativo dessa postura, cabe reproduzir Ferreira et al. (2022), cujo artigo cunhou

a expressão “usar as mesmas armas” das fake news, para a disseminação de informações úteis e benéficas para a saúde da população.

Majoritariamente, as notícias que circularam durante os três primeiros anos da pandemia, de acordo com a revisão, foram marcadas pela desinformação não intencional, tanto no Brasil como nos países latino-americanos, distintamente de países da União Europeia em que a mentira proposital circulou fartamente.

A pandemia foi finalizada pela Organização Mundial da Saúde em 5 de maio de 2023, mas ainda está em curso, as desinformações a ela correspondentes, obrigando a população e, em especial, os profissionais da saúde, estar em permanente alerta para neutralizar esse tipo de notícia.

## Referências

- ALENCAR, N. E. S. et al. Notícias falsas em tempos de pandemia pelo novo coronavírus: uma análise documental. *Revista Cuidarte*, Bucaramanga, v. 12, n. 2, p. 1-11, 2021. DOI: 10.15649/cuidarte.1297
- ARNDT, G. J.; et al. Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda toma... vacina. *Revista Psicologia Política*, Florianópolis, v. 21, n. 51, p. 608-626, 2021.
- ASCACÍBAR, G. P.; MALUMBRES, E. B.; ZANNI, S. Fact checking durante la covid-19: análisis comparativo de la verificación de contenidos falsos en España e Italia. *Revista de Comunicación*, Piura, v. 20, n. 1, p. 197-215, 2021. DOI: 10.26441/RC20.1-2021-A11
- BARCELOS, T. N. et al. Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de covid-19 no Brasil. *Revista Panamericana de Saúde Pública*, Washington, DC, v. 45, e65, 2021. DOI: 10.26633/RPSP.2021.65
- CINELLI, M.; QUATTROCIOCCHI, W.; GALEAZZI A. The covid-19 social media infodemic. *Scientific Report*, v. 10, n. 1, e1698, 2020. DOI: 10.1038/s41598-020-73510-5
- DOURADO, G. O. L. et al. Caracterização de fake news sobre a pandemia covid-19 no Brasil. *Revista de Enfermagem da UFPI*, v. 9, e11226, 2020.
- ELIAS, C. S. R. et al. Quando chega o fim? uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012. DOI: 10.11606/issn.1806-6976.v8i1p48-53
- FACHIN, J.; ARAUJO, N. C.; SOUSA, J. C. Credibilidad de la información en tiempos de la covid-19. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín, v. 43, n. 3, eRf3/1, 2020. DOI: 10.17533/udea.rib.v43n3eRf3
- FERREIRA, F. V. et al. Uso de Python para detecção de fake news sobre a covid-19: desafios e possibilidades. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, [S. l.]*, v. 16, n. 2, p. 266-280, 2022. DOI: 10.29397/reciis.v16i2.3253.
- FIGUEIREDO, E. B. L. et al. Influenciadores da desinformação nas pandemias de gripe espanhola e Covid-19: um estudo documental. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 46, n. 2, e078, 2022. DOI: 10.1590/1981-5271v46.2-20220043
- GALHARDI, C. P.; et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, supl. 2, p. 4201-4210, 2020. DOI: 1413-812320202510.2.28922020
- GALHARDI, C. P. et al. Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 27, n. 5, p. 1849-1858, 2022. DOI: 10.1590/1413-81232022275.24092021
- GARCÍA-MARÍN, D.; MERINO-ORTEGO, M. Desinformación anticientífica sobre la covid-19 difundida en Twitter en Hispanoamérica. *Cuadernos.info*, Santiago, n. 52, p. 24-46, 2022. DOI: 10.7764/cdi.52.42795
- GOULART, A. C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 101-142, 2005. DOI: 10.1590/S0104-59702005000100006
- HERRERO-DIZ, P.; PÉREZ-ESCOLAR, M. Análisis de los bulos sobre covid-19 desmentidos por Maldita y Colombiacheck: efectos de la infodemia

- sobre el comportamiento de la sociedad. *Palabra Clave*, v. 25, n. 1, e2511, 2022.
- JACK, C. *Lexicon of lies: terms for problematic information*. New York: Data & Society Research Institute, 2017.
- MARWICK, A.; LEWIS, R. *Media manipulation and disinformation online*. New York: Data & Society Research Institute, 2018.
- MATA, M. L.; GRIGOLETO, M. C.; LOUSADA, M. Dimensões da competência em informação: reflexões frente aos movimentos de infodemia e desinformação na pandemia da covid-19. *Liinc em Revista*, Brasília, DF, v. 16, n. 2, e5340, 2020. DOI: RoR
- MOREIRA, M. R. C. et al. Categorias das fake news sobre covid-19 disseminadas no primeiro ano da pandemia no Brasil. *O Mundo da Saúde*, v. 45, p. 221-232, 2021. DOI: 10.15343/0104-7809.20214522123
- MORENO FLEITAS, O. E. La divulgación de la información en la encrucijada de la crisis del COVID-19 en Paraguay. Reacciones y transmisión de datos falsos y científicos a través de las redes sociales y los medios masivos. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Asunción, v. 25, n. 1, p. 58-85, 2020. DOI: 10.32480/rscp.2020-25-1.58-85
- MORETZSOHN, S. D. “Uma legião de imbecis”: hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária. *Liinc em Revista*, Brasília, DF, v. 13, n. 2, p. 294-306, 2017. DOI: 10.18617/liinc.v13i2.4088
- NIEVES-CUERVO, G. M. et al. Infodemia: noticias falsas y tendencias de mortalidad por covid-19 en seis países de América Latina. *Revista Panamericana de Salud Publica*, Washington, DC, v. 45, e44, 2021. DOI: 10.26633/RPSP.2021.44
- OLIVEIRA, D. C.; GERHARDT, T. E. O primeiro curso aberto, on-line e massivo (Mooc) sobre covid-19 e iniquidades no Brasil: potências da saúde coletiva no enfrentamento da infodemia e das fake News. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 46, n. esp. 1, p. 105-118, 2022. DOI: 10.1590/0103-11042022E107
- PEREIRA NETO, A. et al Avaliação da qualidade da informação de sites sobre Covid-19: uma alternativa de combate às fakenews. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 132, p. 30-46, 2022. DOI: 10.1590/0103-1104202213202
- QUANDT, T. et al. Fake News. In: VOS, T. P.; HANUSCH, Folker. *The International Encyclopedia of Journalism Studies*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019. p. 1-6.
- RAMÍREZ, A. E. A.; JUMBO, F. E. T.; AGUILAR, M. M. R. Fake news e incremento desinformativo durante el estado de excepción 2020: caso el mercioco, Ecuador. *Chakiñan*, Riobamba, n. 16, p. 35-51, 2021. DOI: 10.37135/chk.002.16.02
- RIBEIRO, T. S. et al. Comunicação em saúde sobre covid-19 e diabetes mellitus em mídias sociais: verdadeiro e falso. *Revista da Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 26, n. spe, e20210358, 2022. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2021-0358
- ROSS, J. R. et al. Fake News e Infodemia em tempos de covid-19 no Brasil: indicadores do Ministério da Saúde. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 25, e1381, 2021. DOI: 10.5935/1415.2762.20210029
- SALATINO, A. G. et al. Covid-19: como a disseminação de fake news pode influenciar a população durante a pandemia. *Revista Salusvita*, Bauru, v. 39, n. 3, p. 611-626, 2020.
- SILVA, A. C. N. et al. Infodemia en la Argentina preventivamente aislada: un análisis de las Fake News sobre la pandemia de covid-19 desmentidas por Confiar. *Revista Mexicana de Opinión Pública*, Ciudad de México, n. 33, p. 138-155, 2022. DOI: 10.22201/fcpys.24484911e.2022.33.79805
- TARULLO, R.; GAMIR-RÍOS, J. Asustar para desestabilizar: desinformación sobre la COVID-19 en Argentina y España. *Cuadernos.info*, Santiago, n. 52, p. 47-68, 2022. DOI: 10.7764/cdi.52.42915
- VEGAS, S. P. P. Tipología de los contenidos virales de desinformación durante los primeros meses de emergencia sanitaria por la covid-19 en el Perú. *Revista de Comunicación*, Piura, v. 21, n. 2, p. 197-223, 2022. DOI: 10.26441/RC21.2-2022-A10
- VOSGERAU, D. S. A. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e

metodológicas. *Revista de Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014. DOI: 10.7213/dialogo.educ.14.041.DSo8

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Coronavirus disease 2019 (COVID-19) - Situation Report 56*. Geneve: WHO, 2020.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. Declaração sobre la tercera reunión del Comité de Emergencia del Reglamento Sanitario Internacional (2005) sobre el brote de la enfermedad por

coronavirus (COVID-19). *Organización Mundial de la Salud*, [s. l.], 2023. Disponível em: <[https://www.who.int/es/news/item/01-05-2020-statement-on-the-third-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-coronavirus-disease-\(covid-19\)](https://www.who.int/es/news/item/01-05-2020-statement-on-the-third-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-coronavirus-disease-(covid-19))>. Acesso em: 9 ago. 2023.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. Infodemic. *World Health Organization*, [s.l.], 2023b. Disponível em: <[https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1)>. Acesso em: 23 jun. 2022.

---

### **Contribuição dos autores**

Rosa concebeu o estudo, sistematizou e analisou os dados e contribuiu para a redação do artigo. Delduque contribuiu para a análise dos dados, contribuiu para a redação e aprovou a revisão final. Alves redigiu o artigo e aprovou a redação final.

Recebido: 27/3/2023

Reapresentado: 22/3/2023; 27/3/2023

Aprovado: 28/3/2023